



CICLOS DE INTERRUPÇÃO ESCOLAR: COMO A MIGRAÇÃO SAZONAL PARA A PANHA DO CAFÉ SE INTER-RELACIONAM COM A EVASÃO ESCOLAR NA EJA DO CAMPO

Adriana Batista Silva¹

Tânia Halley Oliveira Pinto²

Resumo: Este trabalho traz uma pesquisa de cunho qualitativo desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso que analisou as relações entre a migração sazonal para o trabalho na colheita de café no Sul de Minas e a evasão escolar na EJA numa comunidade do campo no município de Rio Pardo de Minas (MG). As entrevistas com alunos migrantes revelaram a existência de duas modalidades de evasão: primária e sazonal. Os dados indicaram ainda que o problema da evasão escolar transcende o âmbito escolar perpassando por questões de gênero, econômicas e sociais. Nesse sentido, apontamos que a superação ou combate à evasão escolar não se dará apenas por ações no âmbito da educação, mas que envolverão políticas públicas de combate à desigualdade social.

Palavras-Chave: Migração Sazonal. Evasão Escolar. Educação de Jovens e Adultos. Educação do Campo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa desenvolvida em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Licenciatura em Educação do Campo

¹ Egressa do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). O trabalho aqui descrito foi desenvolvido durante seu período de vinculação como licencianda do campo. E-mail: batistaadrianasilva@gmail.com

² Professora no Curso de Licenciatura em Educação do Campo pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Doutora e Mestra em Educação em Ciências pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Líder e membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Integração de Saberes na Formação de Professores de Ciências e Matemática para o Campo-UFTM. E-mail: tania.halley@uftm.edu.br



(LECampo) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) que percorreu sobre a temática da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), causada pela migração de famílias de uma comunidade do campo do Norte de Minas para trabalharem na colheita de café no Sul de Minas.

O estudo foi motivado após o contato com a realidade da comunidade escolar Bonfim, permeada pelo alto índice de evasão escolar ao longo do ano. No desenvolvimento de atividades pedagógicas realizadas na turma da EJA, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da UFTM, núcleo de Educação do Campo, era visível e inegável a diminuição progressiva do número de alunos frequentando as aulas com o passar do ano letivo. A instituição escolar atendida pelo PIBID, Escola Municipal de São Camilo, está inserida na zona rural do município de Rio Pardo de Minas – MG, no norte mineiro, que tem como destaque de suas atividades econômicas o plantio de grandes monoculturas de eucalipto, que começaram a ser plantadas por volta da década de 1970.

Brito (2013) destaca o fenômeno denominado pela autora como *encurralamento dos povos do campo* no Norte de Minas, provocado pela monocultura do eucalipto. Em seu trabalho de pesquisa, a autora discute como a expansão da monocultura de eucalipto na região a partir da investida de empresas estatais, e com a autorização do governo do estado, encurralou comunidades do campo que tiveram seus territórios totalmente cercados por eucaliptos. Segundo Brito (2013), esse fenômeno foi capaz de provocar a escassez de terra e de água para viver e, assim, os moradores, pressionados pela monocultura de eucalipto e sem alternativas de outras atividades econômicas para provimento de renda, acabam achando na migração sazonal para a *panha do café*³ no Sul de Minas uma saída para a sobrevivência. Havendo, portanto, uma ligação entre a destruição do modo de vida dos povos do campo no Norte de Minas pela chegada da monocultura de eucalipto no

³ O termo *panha do café* é a forma coloquial regional para a colheita do café, utilizada pelos participantes da pesquisa. Optou-se por mantê-lo por sua representatividade cultural e linguística, respeitando a linguagem local da região de Rio Pardo de Minas – MG.



cerrado e a necessidade de complementação de renda a partir da migração sazonal (BRITO, 2013).

Localizada a 25 km da sede do município, a comunidade Bonfim não está isolada quando se trata do aumento no número de famílias que migram anualmente em busca de garantir renda capaz de manter a sobrevivência familiar. Assim como outras comunidades rurais do município de Rio Pardo de Minas - MG, Bonfim, apresenta fluxo migratório sazonal para o Sul de Minas entre os meses de maio a outubro. As famílias migram em busca de trabalho, alguns levando toda a família, inclusive as crianças, que deixam a escola para acompanhar os pais. Outros ainda conseguem matricular as crianças nas cidades de destino para onde migram. Algumas crianças ficam afastadas das escolas durante todo o tempo de migração, ficando a critério da escola encontrar uma solução para resolver a situação dos alunos quando retornam. Para os jovens e adultos que frequentam a EJA, o que resta quando migram é abandonar novamente os estudos e interromper sua formação.

Como mencionado, além de fazer parte da vida de muitas famílias, a migração sazonal para a panha do café tem consequências sérias para a vida escolar dos moradores de Bonfim, especialmente para os estudantes da EJA, contribuindo para a perpetuação do abandono escolar e a manutenção de uma vida escolar não linear. Diante desse cenário, este trabalho apresenta como objetivo analisar quais relações se estabelecem entre a migração sazonal e a evasão escolar dentre os alunos da EJA em Bonfim.

INTER-RELAÇÕES ENTRE MIGRAÇÃO SAZONAL, EVASÃO ESCOLAR E EJA NO CAMPO

A migração sazonal caracteriza-se pelo deslocamento temporário e cíclico de indivíduos ou grupos, geralmente motivados pelo vínculo com atividades econômicas ligadas às safras agrícolas. Martins (1988) trata a migração sazonal como um movimento de idas e vindas da mão de obra, especialmente camponesa, regulado pelo calendário das colheitas, que implica uma dupla inserção territorial e social do migrante: em seu território de origem e no de destino. Não se configurando como uma mudança definitiva, nela os indivíduos



alternam períodos em sua localidade de residência com períodos de trabalho em outras regiões, mantendo, assim, vínculos com ambas as comunidades.

As pessoas que partem para trabalhar, deixam no lugar de origem um vazio, um lugar sem vida, segundo Nogueira (2012), com a saída dos migrantes, o campo vira um lugar vazio e de solidão. O tempo em que as famílias estão fora de suas terras de origem se torna “um tempo que parece parar a vida do sertão que somente revive com o regresso dos migrantes, das festas, das aulas, das plantações, das construções das casas, do movimento do comércio, enfim da vida social em plenitude” (Nogueira, 2012, p. 193).

Outro aspecto a ser analisado quando se fala na migração sazonal está relacionado à exaustão física e psicológica do indivíduo e/ou grupo migrante e às consequências psicossociais para os indivíduos que ficam na comunidade de origem. A partida pressupõe que o trabalho na colheita do café exigirá do migrante uma entrega total de sua força e tempo, configurando uma experiência de desgaste que vai além do que é esperado e humano, conforme enfatiza Nogueira (2012):

Trocar um cotidiano conhecido, onde se é senhor de sua vida e principalmente de seu tempo de trabalho, pelo de um trabalhador rural temporário, que passa a elaborar infindáveis horas que se transforma o tempo nos cafezais e que sofrem em alojamentos frios e improvisados, onde vivem precariamente dois ou três meses. (NOGUEIRA, 2012, p. 195)

Esse ciclo migratório impõe ao trabalhador uma ruptura de trajetórias, que envolve a interrupção recorrente de laços comunitários e até familiares. Também é inegável que essa itinerância forçada tem consequências no âmbito educacional, uma vez que os indivíduos têm suas vidas escolares interrompidas e muitas das vezes até mesmo descontinuadas. Dessa forma, a busca por sobrevivência acaba se convertendo em um mecanismo direto de evasão escolar em que, não por desinteresse, mas pela necessidade, a educação formal fica em segundo plano ou suspensa temporariamente ou até em definitivo. O que se nota é que o descompasso temporal e espacial entre calendário escolar e sobrevivência se tornam inconciliáveis, transformando a evasão escolar numa espécie de sintoma visível do conflito insustentável entre o direito à educação e a necessidade vital do trabalho.



Segundo Leite (2014), a evasão escolar é o fenômeno definido como o abandono da escola pelo aluno, durante o período letivo, antes mesmo de se concluir a série ou ano letivo. Tendo várias motivações, a evasão escolar no campo apresenta como algumas de suas principais causas o fechamento das escolas do campo, a falta de transporte escolar para o deslocamento dos alunos, estradas em condições precárias, além da cisão entre a escola e a vida do aluno (Leite, 2014). Mas, sobretudo no cenário campesino brasileiro, a evasão escolar provocada pela migração sazonal ocupa lugar de destaque (Nogueira, 2012), não sendo diferente na comunidade Bonfim.

Analisando a evasão escolar de uma perspectiva mais ampla e social, este não é um problema apenas de âmbito escolar. Conforme já foi elucidado, tem raízes em questões sociais que afligem as populações fora dos muros da escola.

A evasão escolar, especialmente na EJA, se dá também pelo cansaço físico de muitos alunos, que além de estudar ainda trabalham. Normalmente esta modalidade funciona a noite para ser compatível com a jornada de trabalho do aluno. Mas enfrentar um dia duro de trabalho no campo e depois ainda se propor a estar em sala de aula, até tarde da noite, para se levantar no outro dia muito cedo, não é fácil, na verdade é até desumano. Por isso, muitos acabam não resistindo e evadem da escola.

Meksenas (1992) afirma que a evasão de muitos alunos trabalhadores que estudam à noite se dá por conta do cansaço, “por serem obrigados a trabalhar durante o dia para sustentar sua família ou a si mesmo, exaustos pelo trabalho e a baixa qualidade de ensino, eles evadem da escola sem terminar o curso secundário” (p. 98).

A caracterização do desemprego e das formas de trabalho instáveis a que são submetidos esses jovens e adultos, além de interrogar os currículos, interroga, também, a organização da própria EJA e da escola, a organização dos seus tempos, sobretudo. Uma coisa é o tempo de um trabalhador que sabe a hora que entra e a hora que sai nas oito horas de trabalho, e outra coisa é o tempo de um sobrevivente em situações informais de trabalho. Ele não tem tempo, ou melhor, ele não controla seu tempo, ou ele tem de criar o seu tempo a partir dos tempos de sobrevivência. Consequentemente, não é um tempo que ele cria como bem quer. Esse tempo tem de ser criado em função do ganho de cada dia. O tempo dele é tão instável quanto a sua forma de



trabalhar. Diante dessa caracterização dos tempos de trabalho pela instabilidade, que tempos de EJA e da escola se atreverão a ser estáveis? Há propostas, ainda raras, da organização dos tempos construídos em diálogo entre os tempos escolares e os tempos de trabalho. Difícil às escolas quebrar a rigidez de seus tempos. Muito mais difícil à EJA. (Arroyo, 2017, p. 61).

A EJA no campo tem uma grande importância: é um direito dos camponeses que foram forçados a interromper sua vida escolar. Visto que, por falta de escolas, muitos sequer iniciaram os estudos, e outros abandonaram a escola para se dedicar ao trabalho, muitos acabam parando de estudar em virtude da grande dificuldade em conciliar trabalho e estudo. Isso ocorre porque a forma como a EJA é trabalhada não condiz com sua realidade de trabalho. Nesse sentido, defendemos que a escola necessita ver os alunos também como trabalhadores e não apenas como alunos (Arroyo, 2009, p. 16):

Ver os jovens-adultos como trabalhadores exige não os ver apenas como estudantes em percursos escolares truncados a serem supridos. Nem sequer vê-los como estudantes que trabalham. Ser trabalhador não é um acidente a mais na sua condição de estudantes. Como ser pobre e lutar pela sobrevivência em trabalhos formais ou informais não é um acidente dos jovens-adultos estudantes na EJA.

A EJA no campo assume um papel muito importante, visto que a maior parte dos analfabetos e evadidos da escola em alguma época de suas vidas, são trabalhadores, sobretudo os estudantes camponeses, são pessoas que trabalham para si ou que migram para outras cidades em época de safra. São sujeitos que salvo pela presença da EJA, não encontrariam esta chance de fazer valer seus direitos educacionais e completar a educação básica. No entanto, a existência da EJA sem refletir as condições de vida de seus estudantes, pouco tem contribuído para a garantia à educação, pois o formato convencional que a EJA é oferecida, acaba por dificultar a permanência dos alunos, que quando trabalham em suas comunidades, chegam tarde em casa do trabalho e ainda tem que estudar. E quando são obrigados a migrar, não têm acesso a um sistema de ensino que reflita suas realidades de trabalhadores. Como diz Gadotti (2014) esses alunos da EJA, não querem apenas uma segunda chance, eles querem a



criação de uma EJA, que seja voltada realmente para as necessidades de seu público, com carga horária compatível, voltadas para sua realidade.

Arroyo (2014) enfatiza que quando se promete a escola como lugar de direito, mas se negam os direitos a outros lugares de dignidade, justiça e humanidade, a própria escola perde sua radicalidade de promessa de um justo e digno viver. Os camponeses assim como todos, tem seus direitos e precisam ser respeitados e valorizados, tendo sua luta notada: a luta por escolas que atendam a necessidade de cada um, que garantam os direitos deles como alunos e trabalhadores e não apenas como alunos dentro da sala de aula.

A CONSTRUÇÃO DOS DADOS

Entendemos que a metodologia que mais se adequa a este trabalho é a qualitativa. Segundo Creswell (2014), este tipo de pesquisa busca “entender e identificar as variáveis que não podem ser medidas facilmente ou escutar vozes silenciadas” (p. 52) e que “as pesquisas qualitativas são aquelas que coletam dados no campo, no ambiente onde os participantes vivenciam as questões” (p. 50). Assim, se o objetivo deste trabalho é compreender o papel desempenhado pela migração sazonal na evasão escolar de alunos da EJA na comunidade de Bonfim, buscamos construir os dados desta pesquisa na comunidade em questão e com os sujeitos que vivem esta realidade.

Como instrumento de obtenção dos dados para análise, fizemos entrevistas semiestruturadas com alunos migrantes e concluintes da Educação de Jovens e Adultos da comunidade Bonfim. Com isso, buscamos alcançar vozes silenciadas, de muitos moradores do campo que foram obrigados a se retirar de seus territórios e interromper seus processos de escolarização em nome da sobrevivência familiar. As entrevistas foram formadas por perguntas abertas que deram a oportunidade para as entrevistadas justificarem suas respostas, dando espaço para que elas pudessem expor também suas histórias de vida.

Para a coleta de dados, selecionamos três estudantes do nono ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) - Ensino Fundamental da Escola Municipal de São Camilo, que concluíram o ciclo em 2022. Os critérios de seleção dos



participantes incluíram: (i) a condição de estudante na EJA e trabalhadora rural e (ii) a participação regular na migração sazonal para a panha do café no Sul de Minas Gerais. A escolha desses sujeitos justifica-se por possibilitar triangular as respostas em torno das três dimensões presentes em nosso objetivo: escolarização, trabalho no campo e deslocamento sazonal. As perguntas dos roteiros foram feitas com o intuito de:

- i) obter informações básicas sobre as mulheres entrevistadas a fim de ser possível suas caracterizações;
- ii) conseguir informações suficientes para caracterizar o processo de migração e evasão escolar na comunidade Bonfim;
- iii) permitir encontrar quais são as inter-relações entre a migração sazonal e a evasão escolar dos alunos de EJA.

As seguir descrevemos brevemente as três entrevistadas:

1. Joana⁴: A entrevistada, nascida e residente na comunidade Bonfim, constitui um caso emblemático de trajetória interrompida e retomada educacional. Oriunda de uma família local, permaneceu na comunidade após seu casamento. Sua escolarização foi interrompida na juventude, sendo retomada apenas aos 40 anos, quando ingressou na Educação de Jovens e Adultos (EJA), no sexto ano do Ensino Fundamental. Sua inserção no mercado de trabalho é marcada pela informalidade: exerceu a função de servente escolar na unidade local por dois anos e, durante o momento da pesquisa, prestava cuidados a um casal de idosos no turno da manhã. No entanto, essa dupla rotina – de trabalho e estudos – é anualmente suspensa devido à migração sazonal de toda a sua família para a panha do café no Sul de Minas
2. Rita: mulher de 39 anos, residente na comunidade Bonfim, casada e mãe de um filho. Sua trajetória educacional foi interrompida precocemente aos 11 anos, quando assumiu responsabilidades domésticas familiares. A escolarização foi retomada apenas aos 35 anos, por meio da modalidade

⁴ Os nomes utilizados para se referir às entrevistadas são fictícios, a fim de preservar o anonimato das pessoas participantes da pesquisa e atender aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos.



EJA. Sua inserção laboral está vinculada ao trabalho rural sazonal, migrando anualmente há cinco anos para a colheita do café no Sul de Minas Gerais, deslocamento que realiza coletivamente com outros membros de sua comunidade.

3. Ana: tem 43 anos, reside na comunidade Bonfim, é casada e mãe de dois filhos. Concluiu o 9º ano do Ensino Fundamental em 2022, no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua rotina anual é marcada pela migração sazonal para o trabalho rural, prática que consolida sua posição como trabalhadora do campo inserida nos ciclos temporários da agricultura.

REVELANDO RELAÇÕES SAZONAIS ENTRE A MIGRAÇÃO E A EVASÃO ESCOLAR NA EJA NO CAMPO

Para entendermos as relações sazonais existentes entre a migração e a evasão escolar no campo é preciso olhar para todo o processo existente entre esses dois fenômenos. Primeiramente deve-se analisar os motivos que levam as famílias a migrarem, e assim, podemos compreender ao mesmo tempo porque as pessoas evadem da escola.

As três mulheres entrevistadas trazem consigo as marcas de uma adolescência sofrida em que tiveram de trabalhar desde cedo, ajudando seus pais, e hoje em dia trabalham para ajudar seus esposos.

Eu terminei a EJA no ano passado (2022), eu estudei até a quinta série, depois eu tive que parar de estudar pra ajudar em casa, meu pai e minha mãe precisava trabalhar e eu tinha que ficar em casa pra fazer comida e cuidar da casa, então pra meu pai a escola não tinha futuro nenhum, aí eles me tirou da escola pra melhorar pra eles (Rita).

Eu estudei só até 14 anos, e aí a partir dos 14 anos não consegui estudar por falta de dinheiro, falta de transporte, falta de tudo, a pobreza naquela época, é uma palavra muito difícil falar pobreza mas, era muita mesmo, era muito difícil, aí estudamos até o quarto ano, e por ali mesmo eu parei, não consegui mais estudar, aí eu casei e depois que surgiu a EJA, eu retornei pra escola aos 40 anos, no sexto ano, e hoje eu tô no nono ano (Joana).



Em suas falas é possível perceber que as dificuldades que enfrentaram no passado e que ainda enfrentam no presente, acabou levando as entrevistadas a tomarem muitas decisões na vida e uma delas foi: **abandonar a escola antes de concluírem seus estudos**. A condição de gênero feminino atuou como um fator estruturante no abandono escolar, canalizando as jovens para os cuidados domésticos. No contexto rural, persiste uma divisão sexual do trabalho que atribui aos homens as atividades consideradas produtivas e "pesadas", enquanto às mulheres é destinada a esfera privada e reprodutiva. Esta internalização, contudo, não confere valor social equiparado: o trabalho feminino no domicílio permanece desvalorizado, restrito a um repertório de tarefas culturalmente permitidas – como o casamento, a administração do lar e o cuidado do cônjuge – que sistematicamente posicionam a escolarização em um plano secundário ou acessório. Isso fica explícito na resposta de Rita, quando perguntada sobre o motivo que a levou a deixar sua comunidade e partir para outra cidade em busca de trabalho:

O que fez nós sair pra fora pra trabaiaá, foi a precisão né? aqui quase não tem emprego, pra mulher então, pior ainda, o povo daqui sempre trabaiou na Gerdau mas depois que acabou com as firmas ficou muito difícil, porque não é todo mundo que tem um terreno pra plantar suas coisa, então o único jeito é sair pra fora né? Tem que ir pro Sul de Minas buscar emprego, senão não tem dinheiro pra nada...Eu mesma, antes de sair pra panha do café trabaiaava pra um e pra outro aqui, limpando roça, rapando mandioca, mas depois que tive a oportunidade de ir a primeira vez, não parei mais, e enquanto eu tiver saúde e não arrumar um serviço aqui eu vou tá indo.

Notamos que a migração sazonal tem relações com outras questões maiores no campo, como por exemplo “a expansão do agronegócio e apropriação violenta legitimadas na decretação da ilegalidade e da inexistência dos povos do campo, logo sem direito a territórios, terra, espaço” (ARROYO, 2014, p. 203).

Encurralados, parte dos moradores de Bonfim, tomam como alternativa a migração sazonal, que ocorre anualmente sempre na mesma época, entre maio e outubro. No caso das nossas entrevistadas, a migração é de todo o núcleo familiar (pais e filhos).



As entrevistadas trazem com detalhes que o motivo principal que leva pessoas do campo, sobretudo da comunidade Bonfim, a migrarem para o Sul de Minas todos os anos é a falta de emprego na região, como ilustra a fala a seguir de Joana:

Pois é, então... o motivo de nós deslocar daqui da nossa cidade pra ir pra outra cidade, foi em busca de trabalho, por que? A nossa região é uma região muito boa, eu amo aqui, eu amo aqui nosso lugar, só que a falta de emprego são muita, muita, muita mesmo, por causa que às vezes a gente poderia reclamar do estudo que a gente não tem pra procurar emprego, mas a gente vê muitas e muitas pessoas até da família da gente mesmo que é formado fez faculdade que tem possibilidade de pegar um emprego e ainda não conseguiu por causa da dificuldade de emprego, na minha turma mesmo tem uma sobrinha minha que tem faculdade, tem habilitação de moto, de carro, tinha tudo pra ter um bom emprego e não conseguiu, já tá com duas vezes que ela vai na minha turma por causa que não tem emprego aqui pra gente... Quando aparece uma vaguinha de serviço aqui, já tem num sei quantos querendo, eu mesmo foi uma benção de Deus duas vezes aqui eu trabalhei na escola aqui na vaga de duas mulher, mas não foi fácil porque cê via pessoas querendo pegar o próprio serviço que a gente conseguiu, então eu desisti não coloquei mais nome em listão, pagava caro pra fazer exame, tirar documentação toda, todos os anos, e aí nunca eu conseguia um emprego aqui pra mim trabaiá, um empreguim fixo, e então isso é que fez a gente se deslocar do lugar da gente pra ir pra outro lugar, entendeu? (Joana)

Ana complementa com uma fala sobre o fato dela e seu esposo não serem assalariados, não terem renda fixa, vendo a necessidade de partir em busca de dinheiro para se manter durante o ano:

Então moça, é por motivo que lá né? A gente ganha um dinheirinho a mais, e a gente não tem salário né, não é assalariado por mês e aí é por condições mesmo, necessidade né? que a gente largou a comunidade da gente e foi panhar café" (Ana).

A precariedade socioeconômica em Bonfim, marcada pela escassez de postos de trabalho e pela impossibilidade de geração de renda digna, impulsiona os moradores à migração sazonal, vista por muitos como uma oportunidade positiva de transformação de vida. Contudo, esse mesmo deslocamento, paradoxalmente percebido como uma “melhora”, também atua como um mecanismo de ruptura: afasta-os de suas famílias e comunidades, intensifica o processo de evasão escolar e, de maneira mais ampla, reconstrói de forma



profunda e, por vezes, violenta, as trajetórias de vida e a realidade camponesa local.

A falta de escolarização formal constitui-se, para muitos adultos, em um obstáculo concreto à inserção no mercado de trabalho, gerando experiências de frustração e constrangimento frente à exigência de qualificação por parte do mercado. Diante desse cenário, a EJA é percebida como um recurso fundamental e, frequentemente, como a única via disponível para a conclusão dos estudos e, conseqüentemente, para a reabertura de possibilidades profissionais e sociais.

A EJA pra mim é um motivo de alegria. Por que? eu não tive esta oportunidade de estudar, na época eu era adolescente e estudei só até os 14 anos, a partir daí nós não conseguiu estudar mais por falta de dinheiro, falta de transporte, falta de tudo, a pobreza naquela época era muita. (Joana)

Aqui onde essa aluna relata a interrupção da vida escolar aos 14 anos, nos chamou atenção, pois antes de iniciarmos as análises, acreditávamos que a evasão escolar dos alunos da EJA tinha como causa primária a migração sazonal. Ao fazer perguntas para caracterizar melhor como se deu a evasão escolar das entrevistadas, nos deparamos com uma outra realidade: a evasão escolar provocada pela migração sazonal é uma realidade mais recente na comunidade, e, portanto, não é a responsável pela evasão escolar da geração que frequenta a EJA atualmente. Notamos esse aspecto em comum nas trajetórias de vida das três entrevistadas, que pararam de estudar quando mais novas por motivos diferentes desde a migração, como trabalhar com os pais, casar, não ter escola na comunidade etc. Assim, identificamos diferentes evasões escolares que não podem ser tratadas como únicas ou coincidentes, porque tem motivos diferentes e acontecem em épocas distintas. Vamos diferenciar a evasão escolar em 2 tipos: **EVASÃO PRIMÁRIA** e **EVASÃO SAZONAL**.

A evasão primária é a evasão escolar que aconteceu na vida escolar das entrevistadas quando crianças. Essa evasão apresenta como suas causas o abandono da vida escolar no passado porque os pais tiravam seus filhos das



escolas para ajudar em casa, na roça, no trabalho; jovens que largaram os estudos para trabalhar e ganhar seu próprio sustento e no caso de mulheres, um motivo muito comum para a evasão primária é o casamento precoce. Essa evasão primária, acontece geralmente na infância e tem um poder muito grande de afastar a criança ou jovem da escola por muito tempo, criando assim uma interrupção da vida escolar que pode durar anos.

Já o segundo tipo de evasão escolar, denominado aqui como evasão sazonal, acontece provavelmente em 2 grupos distintos: a) nos adultos migrantes, chefes de família, mães e pais, alunos da EJA; b) nas crianças das gerações mais atuais ou recentes que migram para acompanhar seus pais. A principal característica da evasão sazonal é que ela não interrompe por completo a vida escolar do aluno, porque é uma evasão que tem periodicidade do afastamento, marcado pela saída da escola com data de retorno já previsto. Por ter natureza periódica, acontecer anualmente e como é sazonal, a interrupção da vida escolar ganha caráter sazonal.

Independente de termos identificado e termos feito a diferenciação dos tipos de evasão escolar, notamos que as trajetórias escolares das entrevistadas são marcadas tanto pela evasão primária, a causa delas estarem hoje cursando a EJA, quanto pela evasão sazonal que aflige atualmente a vida escolar delas. Nesse sentido, podemos dizer que Joana, Rita e Ana - como representantes dos alunos da EJA em Bonfim - são duplamente atingidas pelo fenômeno da evasão escolar e, portanto, têm suas vidas escolares no mínimo duplamente prejudicadas. Não bastasse a interrupção e desligamento da escola quando crianças ou jovens, essas mulheres quando conseguem retornar aos estudos, ainda têm que lidar com a evasão sazonal que continua atrasando suas trajetórias de formação escolar.

Podemos notar então, como a migração sazonal tem forte impacto na vida da comunidade como um todo, afetando não somente os alunos que estão cursando a EJA atualmente, mas também os alunos do ensino fundamental e médio, que acompanham suas famílias na migração sazonal, tendo assim suas trajetórias escolares interrompidas sazonalmente. Ou seja, a migração sazonal é capaz de afetar duas gerações de estudantes e cada uma de uma maneira



diferente. Os alunos mais jovens, da nova geração, que acompanham suas famílias na migração sazonal saem da escola periodicamente, perdem o conteúdo e em alguns casos até mesmo o ano letivo. Dessa forma, a repetição anual desse ciclo de evasão sazonal, para as novas gerações, pode se tornar o motivo pelo qual a nova geração pode acabar repetindo o mesmo modelo de evasão desses jovens e adultos que hoje estão cursando a EJA. Com isso, para a nova geração, a ordem de acontecimento dos tipos de evasão pode se inverter: a evasão sazonal pode se tornar, com o passar do tempo e dependendo da trajetória de vida do aluno, a causa para um afastamento maior da escola, provocando uma evasão mais longa, parecida com a evasão primária que descrevemos.

Assim, a análise demonstra que a migração sazonal opera como um mecanismo transgeracional de reprodução da exclusão escolar. O fenômeno não apenas interrompe ciclicamente a trajetória de jovens e adultos na EJA, mas também institucionaliza, para as novas gerações, um padrão de afastamento periódico da escola. Esse ciclo anual de interrupções, ao prejudicar a continuidade pedagógica e, em casos extremos, resultar na repetência, tende a naturalizar a ruptura com o ambiente escolar. Dessa forma, o que se inicia como uma evasão circunstancial e sazonal corre o risco de se cristalizar, ao longo da trajetória do estudante, em um abandono escolar definitivo – replicando, assim, o modelo de evasão primária que trouxe os pais e avós de volta às salas de aula da EJA. A migração, portanto, revela-se não como um evento isolado, mas como um fator estruturante que tensiona de forma crônica o vínculo entre a população camponesa e a instituição escolar, perpetuando um ciclo de desigualdades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos elementos que nos ajudassem a entender como o fenômeno da evasão escolar na EJA da Escola Municipal de São Camilo estava relacionado à migração sazonal com a panha do café no Sul de Minas. Para encontrar respostas, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo que utilizou de entrevistas semiestruturadas com alunas da EJA na



comunidade. A partir das entrevistas, conseguimos entender como a migração sazonal acontece e quais suas consequências para a comunidade, especialmente no que refere à trajetória escolar dos migrantes. Com isso, estabelecemos que a migração sazonal é um dos fatores da evasão escolar na EJA, mas não o único. Notamos que a migração sazonal tem relação com a evasão escolar na EJA, marcada pela saída e retorno periódico dos alunos, mas também ficou claro que a migração não é a única responsável pela interrupção da vida escolar dos alunos como um todo, sendo envolvidos nesse processo outros fatores e dimensões econômicas e sociais que a escola sozinha não tem condição de resolver, tampouco poderia ser algo a ser resolvido por força de vontade dos próprios sujeitos.

Nossos dados também nos mostraram que há diferenciações entre os tipos de evasão escolar, nos permitindo denominar a evasão primária e a evasão sazonal. Fenômenos parecidos, mas que ocorrem em diferentes tempos e não são excludentes entre si, ou seja, quem passou pela evasão primária não está imune de passar pela evasão sazonal. Pelo contrário, notamos que os alunos que estão cursando a EJA atualmente, possivelmente são duplamente prejudicados pelos fenômenos.

Por fim, defendemos que a evasão escolar no campo não é um fenômeno meramente pedagógico, mas um sintoma de desigualdades sociais profundas e estruturais. Como demonstrado, a migração sazonal atua como um mecanismo capaz de converter uma evasão temporária (sazonal) em um abandono escolar definitivo e de reproduzir esse ciclo entre gerações. Assim, qualquer estratégia efetiva de enfrentamento deve transcender os muros da escola, buscando ações no âmbito da educação, mas que envolverão políticas públicas de combate à desigualdade social.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. Reinventando a EJA. Projeto de Educação de Trabalhadores-PET. In: NUNES, A.M.M. CUNHA, C.M. (orgs). **Projeto de Educação de Trabalhadores: pontos, vírgulas e reticências** –Um olhar de alguns elementos da EJA através do ensimesmo do PET. Belo Horizonte: PET, 2009



ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, Outras pedagogias**. 2.Ed-Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ARROYO, M. G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **Ecologismo dos Gerais: conflitos socioambientais e comunidades tradicionais no Norte de Minas Gerais**. Tese de Doutorado. Centro de Desenvolvimento Sustentável Universidade de Brasília. Brasília, 2013. 268 p.: il.

CRESWELL, J. W. O projeto de um estudo qualitativo. In: _____. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre: Penso, 2014.

GADOTTI, M. **Por uma política nacional de educação popular de jovens e adultos**. 1. ed.— São Paulo : Moderna : Fundação Santillana, 2014.

LEITE, Maricélia Teixeira. **Evasão escolar na EJA: um estudo de caso na E. E. F. M. Prof.^a Maria Celeste do Nascimento**. 2014. Monografia (curso de especialização em fundamentos da educação). Universidade Estadual da Paraíba. Monteiro, 2014.

MARTINS, José de Souza. O voo das andorinhas: Migrações temporárias no Brasil. In: **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis/Rio de Janeiro: vozes, 1988.

MEKSENAS, Paulo. **Sociologia da Educação: Uma introdução ao estudo da escola no processo de transformação social**. 2ª edição; São Paulo: Cortez 1992.

NOGUEIRA, V.S. Sair para o café: uma etnografia do processo migratório em famílias camponesas. In: TEIXEIRA P. E, BRAGA A.M.C, BAENINGER R. **Implicações passado, presente e futuro**. Oficina universitária, Cultura acadêmica. São Paulo, 2012.